

O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS: O QUE NOS SEPARA DO PRIMEIRO MUNDO

CARVALHO, Celso Almeida de¹²

RESUMO: No Brasil, o movimento do empreendedorismo surgiu de forma sistematizada, centrado no ensino, no desenvolvimento da competência empreendedora e no fomento. Isto passou a ocorrer, a partir dos anos 90, durante a abertura brasileira da economia, dado por intermédio de vários movimentos coordenados pelo governo, por impulsos da iniciativa privada e de ONGS. Justifica a realização desta investigação, o fato de que estudos, em vários países, revelam que quanto mais empreendedora é uma nação, maiores são as chances desta se desenvolver e gerar riquezas. Desse modo, esta pesquisa objetiva descrever o surgimento do empreendedorismo, sua evolução e influência na sociedade brasileira. Pode-se concluir que o empreendedorismo, seu ensino e divulgação provocaram uma revolução sem volta em nossa sociedade, o que possibilitou a abertura de inúmeros negócios, a geração de renda, o aumento do PIB, a geração de mais postos de trabalho, mudanças comportamentais, um maior dinamismo social em que várias camadas da população, que em certas faixas de renda e de escolaridade passaram a ter uma alternativa frente ao desemprego e ao emprego com carteira assinada. Como resultados, vimos que nossa sociedade passou a acreditar em si mesma, na sua capacidade, e passou a ter maior confiança nas instituições, a ponto de ousar quanto a inovar aspectos da própria vida, atitude que até os anos de 1980 não era vista no país, ao menos de forma tão expressiva.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Educação Empreendedora. Economia

ABSTRACT: In Brazil, the movement of the entrepreneurship appeared systematically focused on education, entrepreneurial competence and promoting development in the years 90, during the In Brazil, the entrepreneurial movement arose from a systematic way, focused on teaching, the development of the entrepreneurial competence and promotion. This started to occur, from the years 90, during the opening of the brazilian economy, given through various movements coordinated by Government, private initiative and impulses of NGOs. The realization of this investigation, the fact that, in several countries, studies show that the more enterprising is a nation, the greater are the chances of this develop and generate wealth. Thus, this research aims to describe the emergence of entrepreneurship, your evolution and influence on brazilian society. It can be concluded that entrepreneurship, your education and disclosure caused a revolution without back in our society, which allowed the opening of numerous business, income generation, the increase in GDP, generating more jobs, changes behavioral, greater social dynamism in which multiple layers of the population, which in certain income ranges and of education have been given an alternative front to unemployment and employment with officially registered. As a result, we have seen that our society came to believe in yourself, in your capacity, and started to have more confidence in the institutions, to the point of daring as to innovate aspects of life itself, that attitude until the years of 1980 was not seen in the country at least as expressive.

KEYWORDS: Entrepreneurship. Entrepreneurial Education. Economy

¹² Graduado em ADMINISTRAÇÃO pela FEB – Fundação Educacional de Barretos (2001). Agente Autônomo de Investimentos autorizado pela Comissão de Valores Mobiliários – CVM. Docente do Ensino Fundamental, Médio, Técnico e Superior.

INTRODUÇÃO

A palavra “empreender” origina-se do latim *imprenhendere*, que significa “prender nas mãos”, “assumir”, “fazer”. Daí, derivam também as palavras “empreendedor” e “empreendedorismo”, dentre outras (SOUZA, 2012).

O termo empreendedorismo se difunde a partir do século XVII, com o pensamento dos capitalistas e investidores da época. A palavra “empreendedor”, por sua vez, é derivada da palavra francesa *entrepeneur*, vocábulo cuja paternidade se atribui ao economista irlandês Richard Cantillon. Registra-se que seu uso se deu, pela primeira vez, em 1725, para designar o “indivíduo que assumia riscos” (ALFREDO, 2009).

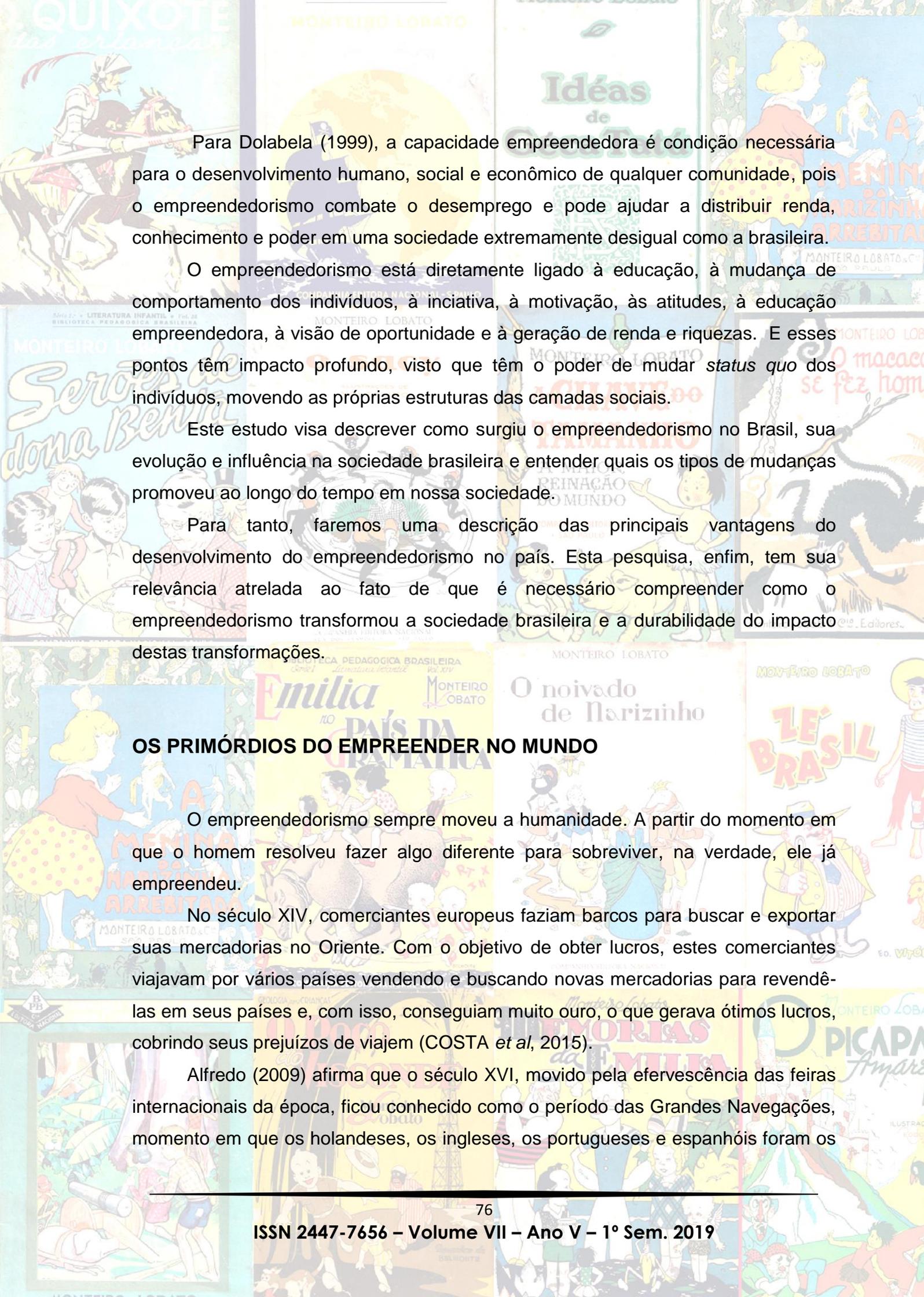
Na época de Cantillon, o empreendedorismo estava diretamente associado ao desenvolvimento econômico e à criação de novos negócios. O empreendedor, neste contexto, era definido como sendo aquele indivíduo que comprava produtos, principalmente agrícolas, por um preço certo, e os revendia por um preço incerto, correndo todos os riscos inerentes às atividades relacionadas com o negócio (BRASIL, 2006).

O termo “empreendedorismo”, ao seu turno, é uma livre tradução de *entrepreneurship*, que contém as ideias de iniciativa e inovação. Está ligado à ideia de estimular a formação de indivíduos ativos, buscando discussões e questionamentos, circunstância em que o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade, aprendendo na prática e com seus erros (DOLABELA, 2006).

Segundo Souza (2012) o empreendedor é aquele que assume a realização de uma determinada tarefa e, na sociedade capitalista, a semântica da palavra passou a designar um tipo de empresário, o qual possui iniciativa e criatividade para correr os riscos de iniciar e efetivar uma determinada atividade produtiva.

A postura empreendedora deve ser incorporada pelo conjunto da população e ensinada na escola.

O empreendedorismo é uma das chaves para o sucesso e ascensão econômica, tecnológica e social de uma nação podendo conduzir a população a uma



Para Dolabela (1999), a capacidade empreendedora é condição necessária para o desenvolvimento humano, social e econômico de qualquer comunidade, pois o empreendedorismo combate o desemprego e pode ajudar a distribuir renda, conhecimento e poder em uma sociedade extremamente desigual como a brasileira.

O empreendedorismo está diretamente ligado à educação, à mudança de comportamento dos indivíduos, à iniciativa, à motivação, às atitudes, à educação empreendedora, à visão de oportunidade e à geração de renda e riquezas. E esses pontos têm impacto profundo, visto que têm o poder de mudar *status quo* dos indivíduos, movendo as próprias estruturas das camadas sociais.

Este estudo visa descrever como surgiu o empreendedorismo no Brasil, sua evolução e influência na sociedade brasileira e entender quais os tipos de mudanças promoveu ao longo do tempo em nossa sociedade.

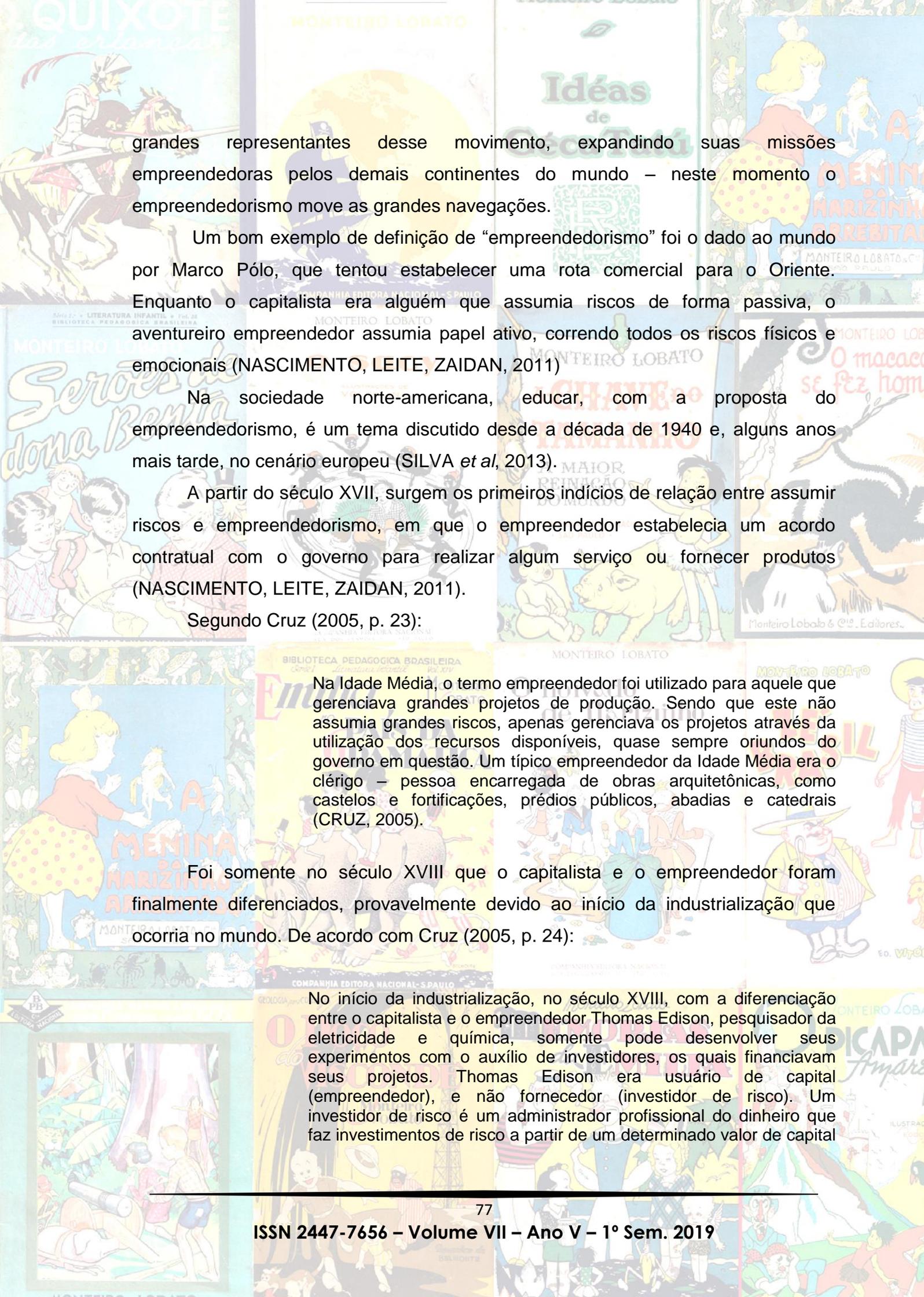
Para tanto, faremos uma descrição das principais vantagens do desenvolvimento do empreendedorismo no país. Esta pesquisa, enfim, tem sua relevância atrelada ao fato de que é necessário compreender como o empreendedorismo transformou a sociedade brasileira e a durabilidade do impacto destas transformações.

OS PRIMÓRDIOS DO EMPREENDER NO MUNDO

O empreendedorismo sempre moveu a humanidade. A partir do momento em que o homem resolveu fazer algo diferente para sobreviver, na verdade, ele já empreendeu.

No século XIV, comerciantes europeus faziam barcos para buscar e exportar suas mercadorias no Oriente. Com o objetivo de obter lucros, estes comerciantes viajavam por vários países vendendo e buscando novas mercadorias para revendê-las em seus países e, com isso, conseguiam muito ouro, o que gerava ótimos lucros, cobrindo seus prejuízos de viagem (COSTA *et al*, 2015).

Alfredo (2009) afirma que o século XVI, movido pela efervescência das feiras internacionais da época, ficou conhecido como o período das Grandes Navegações, momento em que os holandeses, os ingleses, os portugueses e espanhóis foram os



grandes representantes desse movimento, expandindo suas missões empreendedoras pelos demais continentes do mundo – neste momento o empreendedorismo move as grandes navegações.

Um bom exemplo de definição de “empreendedorismo” foi o dado ao mundo por Marco Pólo, que tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente. Enquanto o capitalista era alguém que assumia riscos de forma passiva, o aventureiro empreendedor assumia papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais (NASCIMENTO, LEITE, Z Aidan, 2011)

Na sociedade norte-americana, educar, com a proposta do empreendedorismo, é um tema discutido desde a década de 1940 e, alguns anos mais tarde, no cenário europeu (SILVA *et al*, 2013).

A partir do século XVII, surgem os primeiros indícios de relação entre assumir riscos e empreendedorismo, em que o empreendedor estabelecia um acordo contratual com o governo para realizar algum serviço ou fornecer produtos (NASCIMENTO, LEITE, Z Aidan, 2011).

Segundo Cruz (2005, p. 23):

Na Idade Média, o termo empreendedor foi utilizado para aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Sendo que este não assumia grandes riscos, apenas gerenciava os projetos através da utilização dos recursos disponíveis, quase sempre oriundos do governo em questão. Um típico empreendedor da Idade Média era o clérigo – pessoa encarregada de obras arquitetônicas, como castelos e fortificações, prédios públicos, abadias e catedrais (CRUZ, 2005).

Foi somente no século XVIII que o capitalista e o empreendedor foram finalmente diferenciados, provavelmente devido ao início da industrialização que ocorria no mundo. De acordo com Cruz (2005, p. 24):

No início da industrialização, no século XVIII, com a diferenciação entre o capitalista e o empreendedor Thomas Edison, pesquisador da eletricidade e química, somente pode desenvolver seus experimentos com o auxílio de investidores, os quais financiavam seus projetos. Thomas Edison era usuário de capital (empreendedor), e não fornecedor (investidor de risco). Um investidor de risco é um administrador profissional do dinheiro que faz investimentos de risco a partir de um determinado valor de capital

Para tentar sanar tal deficiência, o CEBRAE iniciou, em 1980, uma campanha nos jornais, rádio e televisão, de massificação da informação gerencial. Em 1990, o CEBRAE passou a fazer parte do sistema “S”¹³, e recebeu a denominação de SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

A partir da década de 80, há um processo de reestruturação das grandes empresas nacionais no nível produtivo. É nesta década que pequenas empresas e novas categorias de atividades, além da indústria, como o comércio, os serviços e os bancos passam a entrar na pauta (MELO, 2008).

Dentro do processo de redemocratização da década de 80, há a ênfase na geração de renda, por outros meios que não sejam o assalariado e o crescimento econômico não vinculado à indústria. Os setores do comércio e serviços ganham relevância e diversidade de arranjos empresariais, com o surgimento de APLs, cooperativas, centrais de negócios, incubadoras de bases tecnológicas (MELO, 2008).

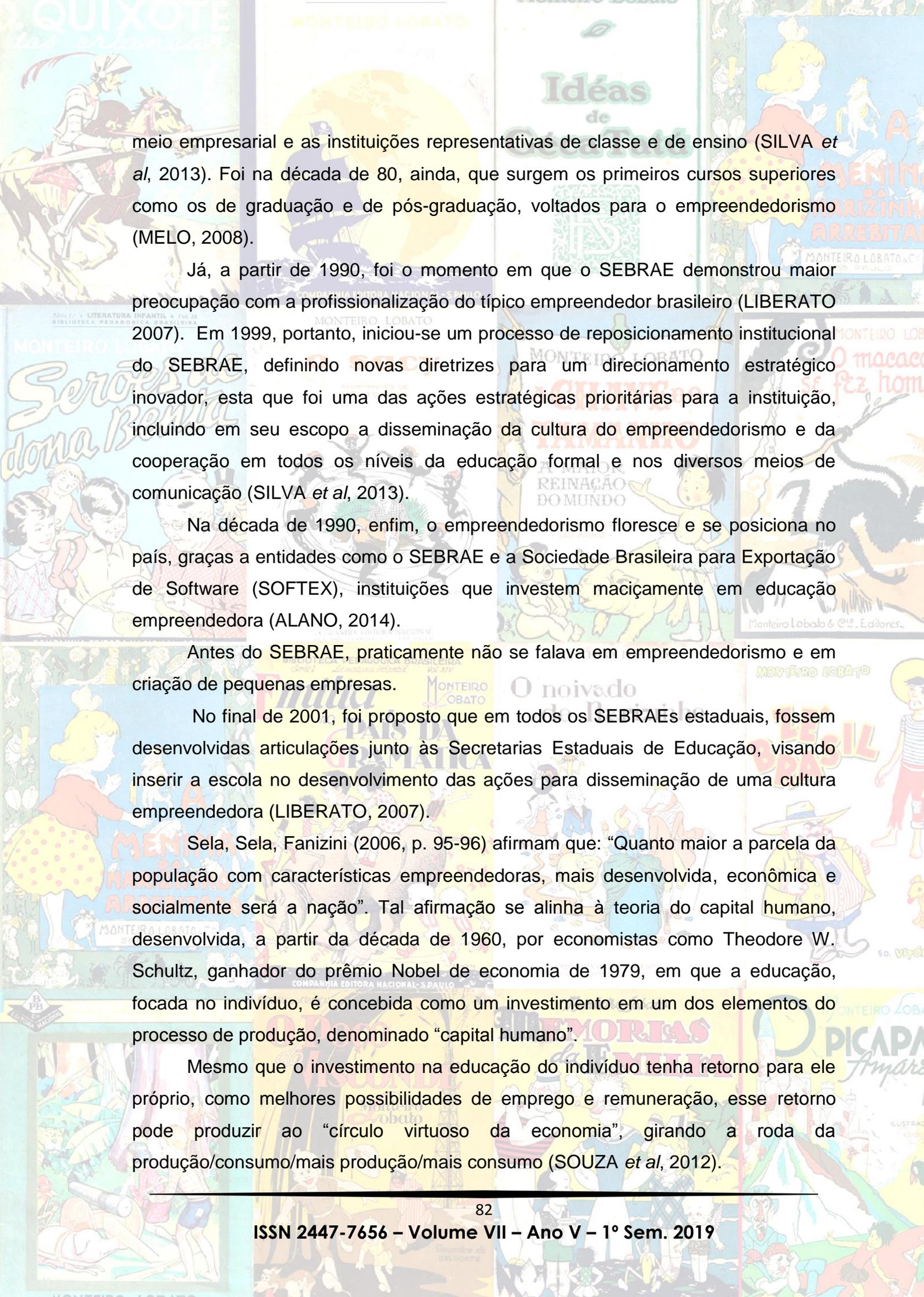
Foi na década de 80, também, que houve uma redução do ritmo da economia, elevação do nível de desemprego, em que os pequenos negócios passaram a ser uma alternativa de ocupação e de mão de obra (MELO, 2008).

Surgiram, então, as primeiras iniciativas de abertura de micros e pequenas empresas, como: o primeiro estatuto da microempresa, Lei nº 7256/11/1984, que trata da inclusão das MÊs na Constituição Federal, de 1988; a Lei nº 9317 do Simples; a Lei nº 9441, que trata do Estatuto da Micro e Pequena Empresa, e o estabelecimento do Fórum Permanente das MPEs (MELO, 2008).

Como o país não tem tradição empreendedora nem o seu ensino, foi preciso que o empreendedorismo estivesse atrelado ao meio empresarial para florescer e contaminar outros setores, tais como o da educação.

A partir das décadas de 80 e 90, o empreendedorismo no ensino se disseminou com rapidez, ajudado por mídias, pela informática, pelos meios de comunicação de massa entre outros, ampliando seus espaços entre o governo, o

¹³ Sistema “S” é o nome pelo qual ficou convencionado de se chamar o conjunto de nove instituições de interesse de categorias profissionais, estabelecidas pela Constituição brasileira. Quais sejam: **SENAR** – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural; **SENAC** – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; **SESC** – Serviço Social do Comércio; **SESCOOP** – Serviço Nacional de Aprendizagem no Cooperativismo; **SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; **SESI** – Serviço Social da Indústria; **SEST** – Serviço Social do Transporte; **SENAT** – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte; **SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.



meio empresarial e as instituições representativas de classe e de ensino (SILVA *et al*, 2013). Foi na década de 80, ainda, que surgem os primeiros cursos superiores como os de graduação e de pós-graduação, voltados para o empreendedorismo (MELO, 2008).

Já, a partir de 1990, foi o momento em que o SEBRAE demonstrou maior preocupação com a profissionalização do típico empreendedor brasileiro (LIBERATO 2007). Em 1999, portanto, iniciou-se um processo de reposicionamento institucional do SEBRAE, definindo novas diretrizes para um direcionamento estratégico inovador, esta que foi uma das ações estratégicas prioritárias para a instituição, incluindo em seu escopo a disseminação da cultura do empreendedorismo e da cooperação em todos os níveis da educação formal e nos diversos meios de comunicação (SILVA *et al*, 2013).

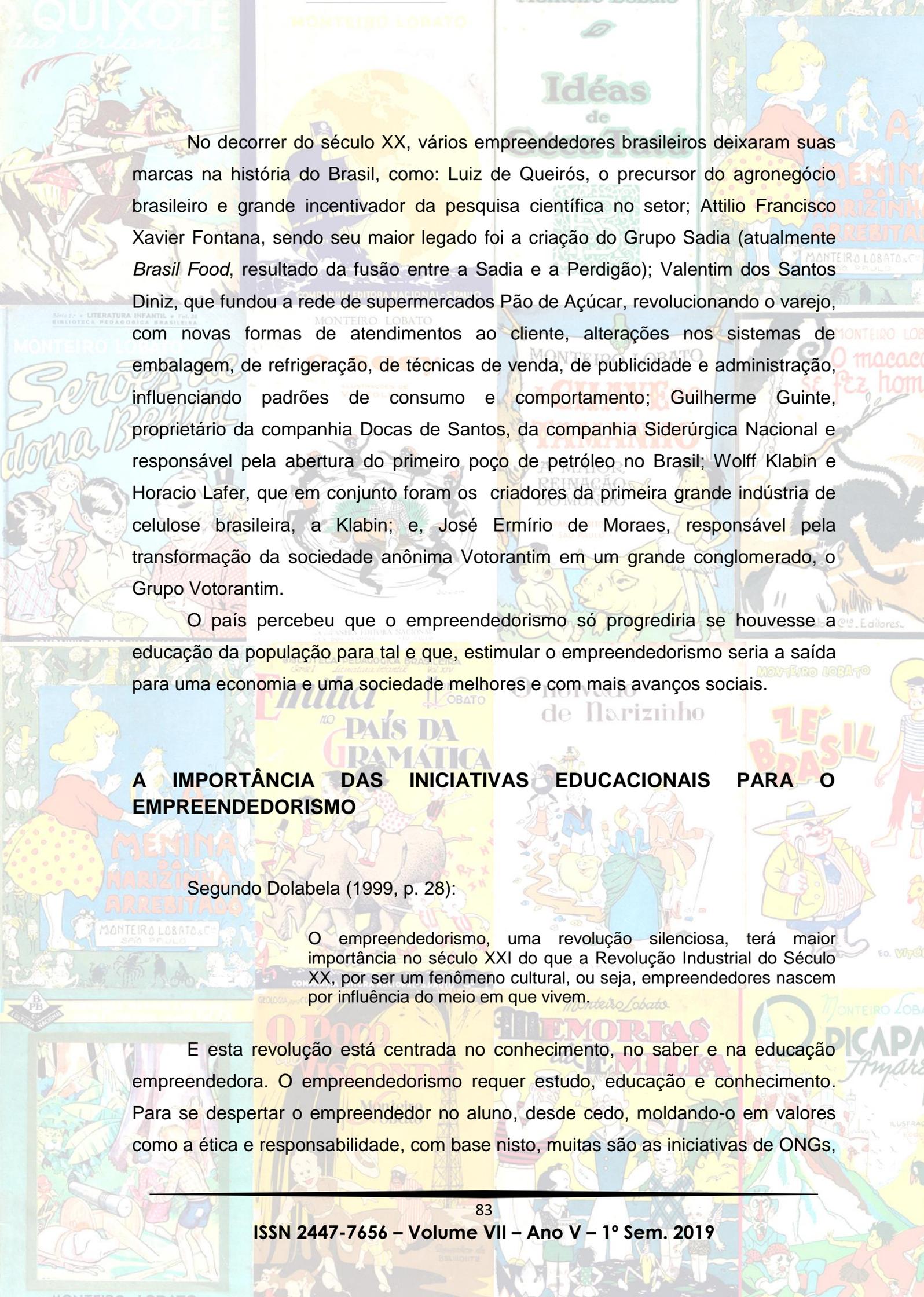
Na década de 1990, enfim, o empreendedorismo floresce e se posiciona no país, graças a entidades como o SEBRAE e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX), instituições que investem maciçamente em educação empreendedora (ALANO, 2014).

Antes do SEBRAE, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas.

No final de 2001, foi proposto que em todos os SEBRAEs estaduais, fossem desenvolvidas articulações junto às Secretarias Estaduais de Educação, visando inserir a escola no desenvolvimento das ações para disseminação de uma cultura empreendedora (LIBERATO, 2007).

Sela, Sela, Fanizini (2006, p. 95-96) afirmam que: “Quanto maior a parcela da população com características empreendedoras, mais desenvolvida, econômica e socialmente será a nação”. Tal afirmação se alinha à teoria do capital humano, desenvolvida, a partir da década de 1960, por economistas como Theodore W. Schultz, ganhador do prêmio Nobel de economia de 1979, em que a educação, focada no indivíduo, é concebida como um investimento em um dos elementos do processo de produção, denominado “capital humano”.

Mesmo que o investimento na educação do indivíduo tenha retorno para ele próprio, como melhores possibilidades de emprego e remuneração, esse retorno pode produzir ao “círculo virtuoso da economia”, girando a roda da produção/consumo/mais produção/mais consumo (SOUZA *et al*, 2012).



No decorrer do século XX, vários empreendedores brasileiros deixaram suas marcas na história do Brasil, como: Luiz de Queirós, o precursor do agronegócio brasileiro e grande incentivador da pesquisa científica no setor; Attilio Francisco Xavier Fontana, sendo seu maior legado foi a criação do Grupo Sadia (atualmente *Brasil Food*, resultado da fusão entre a Sadia e a Perdigão); Valentim dos Santos Diniz, que fundou a rede de supermercados Pão de Açúcar, revolucionando o varejo, com novas formas de atendimentos ao cliente, alterações nos sistemas de embalagem, de refrigeração, de técnicas de venda, de publicidade e administração, influenciando padrões de consumo e comportamento; Guilherme Guinte, proprietário da companhia Docas de Santos, da companhia Siderúrgica Nacional e responsável pela abertura do primeiro poço de petróleo no Brasil; Wolff Klabin e Horacio Lafer, que em conjunto foram os criadores da primeira grande indústria de celulose brasileira, a Klabin; e, José Ermírio de Moraes, responsável pela transformação da sociedade anônima Votorantim em um grande conglomerado, o Grupo Votorantim.

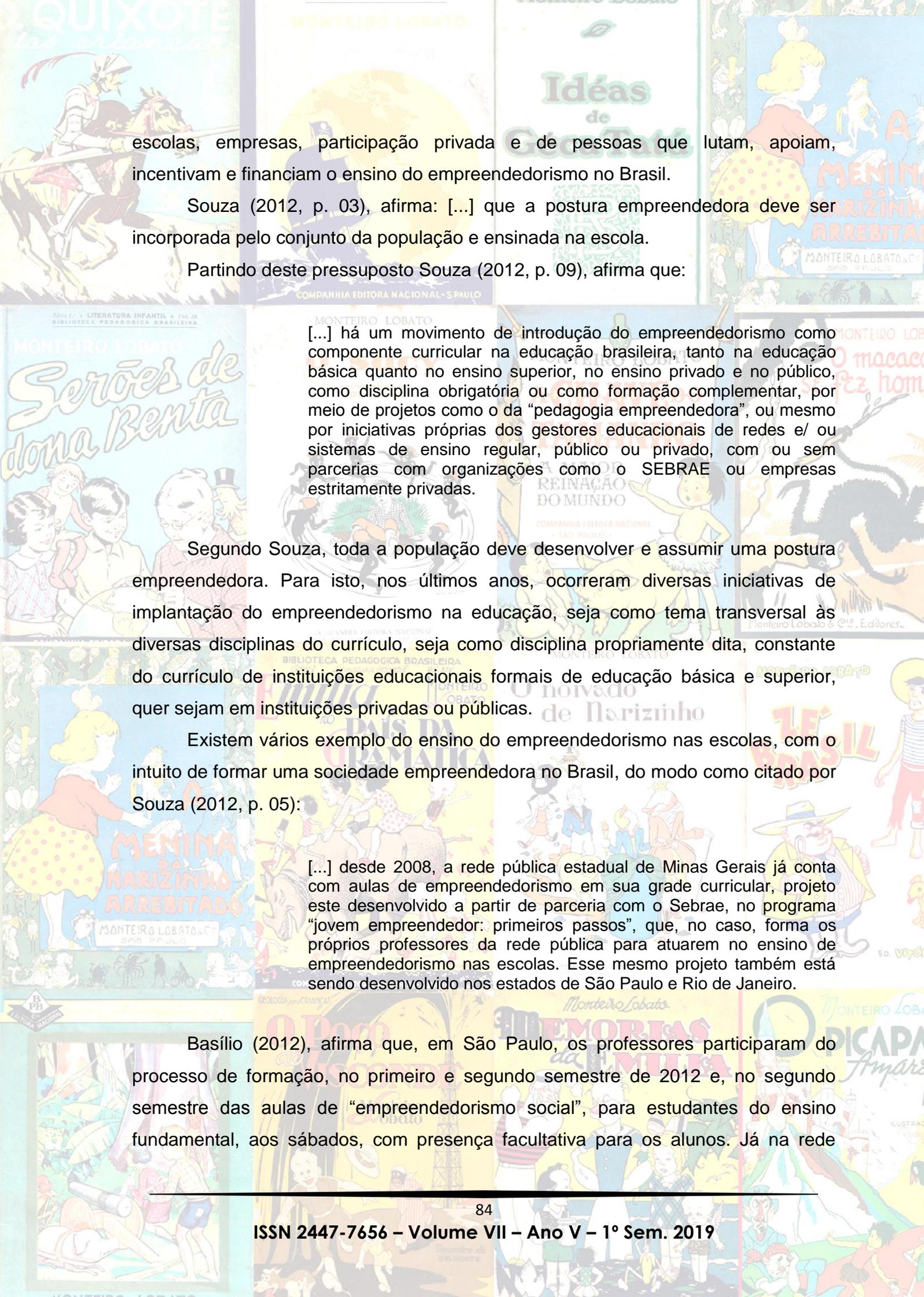
O país percebeu que o empreendedorismo só progrediria se houvesse a educação da população para tal e que, estimular o empreendedorismo seria a saída para uma economia e uma sociedade melhores e com mais avanços sociais.

A IMPORTÂNCIA DAS INICIATIVAS EDUCACIONAIS PARA O EMPREENDEDORISMO

Segundo Dolabela (1999, p. 28):

O empreendedorismo, uma revolução silenciosa, terá maior importância no século XXI do que a Revolução Industrial do Século XX, por ser um fenômeno cultural, ou seja, empreendedores nascem por influência do meio em que vivem.

E esta revolução está centrada no conhecimento, no saber e na educação empreendedora. O empreendedorismo requer estudo, educação e conhecimento. Para se despertar o empreendedor no aluno, desde cedo, moldando-o em valores como a ética e responsabilidade, com base nisto, muitas são as iniciativas de ONGs,



escolas, empresas, participação privada e de pessoas que lutam, apoiam, incentivam e financiam o ensino do empreendedorismo no Brasil.

Souza (2012, p. 03), afirma: [...] que a postura empreendedora deve ser incorporada pelo conjunto da população e ensinada na escola.

Partindo deste pressuposto Souza (2012, p. 09), afirma que:

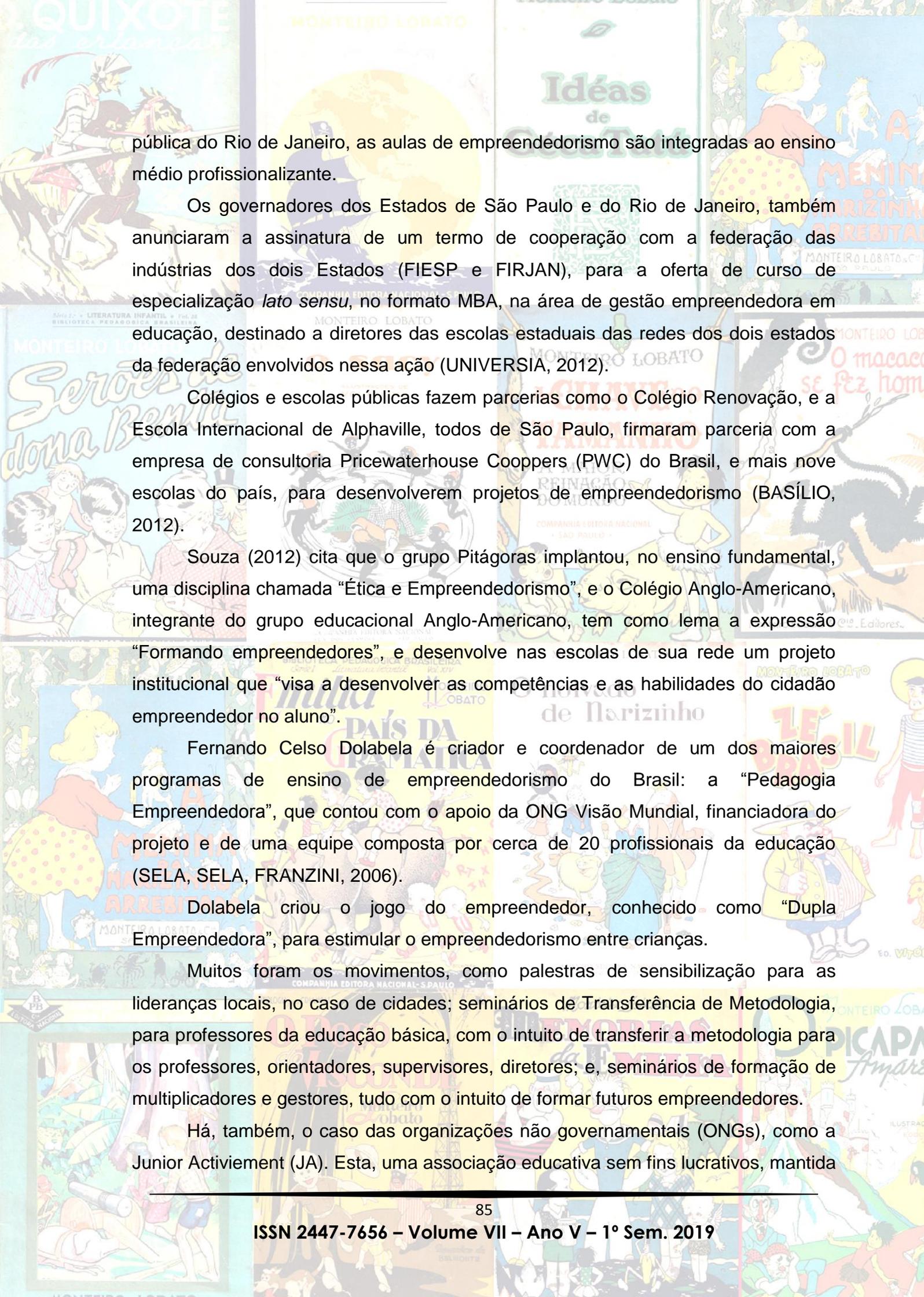
[...] há um movimento de introdução do empreendedorismo como componente curricular na educação brasileira, tanto na educação básica quanto no ensino superior, no ensino privado e no público, como disciplina obrigatória ou como formação complementar, por meio de projetos como o da “pedagogia empreendedora”, ou mesmo por iniciativas próprias dos gestores educacionais de redes e/ ou sistemas de ensino regular, público ou privado, com ou sem parcerias com organizações como o SEBRAE ou empresas estritamente privadas.

Segundo Souza, toda a população deve desenvolver e assumir uma postura empreendedora. Para isto, nos últimos anos, ocorreram diversas iniciativas de implantação do empreendedorismo na educação, seja como tema transversal às diversas disciplinas do currículo, seja como disciplina propriamente dita, constante do currículo de instituições educacionais formais de educação básica e superior, quer sejam em instituições privadas ou públicas.

Existem vários exemplo do ensino do empreendedorismo nas escolas, com o intuito de formar uma sociedade empreendedora no Brasil, do modo como citado por Souza (2012, p. 05):

[...] desde 2008, a rede pública estadual de Minas Gerais já conta com aulas de empreendedorismo em sua grade curricular, projeto este desenvolvido a partir de parceria com o Sebrae, no programa “jovem empreendedor: primeiros passos”, que, no caso, forma os próprios professores da rede pública para atuarem no ensino de empreendedorismo nas escolas. Esse mesmo projeto também está sendo desenvolvido nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Basílio (2012), afirma que, em São Paulo, os professores participaram do processo de formação, no primeiro e segundo semestre de 2012 e, no segundo semestre das aulas de “empreendedorismo social”, para estudantes do ensino fundamental, aos sábados, com presença facultativa para os alunos. Já na rede



pública do Rio de Janeiro, as aulas de empreendedorismo são integradas ao ensino médio profissionalizante.

Os governadores dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, também anunciaram a assinatura de um termo de cooperação com a federação das indústrias dos dois Estados (FIESP e FIRJAN), para a oferta de curso de especialização *lato sensu*, no formato MBA, na área de gestão empreendedora em educação, destinado a diretores das escolas estaduais das redes dos dois estados da federação envolvidos nessa ação (UNIVERSIA, 2012).

Colégios e escolas públicas fazem parcerias como o Colégio Renovação, e a Escola Internacional de Alphaville, todos de São Paulo, firmaram parceria com a empresa de consultoria Pricewaterhouse Coopers (PWC) do Brasil, e mais nove escolas do país, para desenvolverem projetos de empreendedorismo (BASÍLIO, 2012).

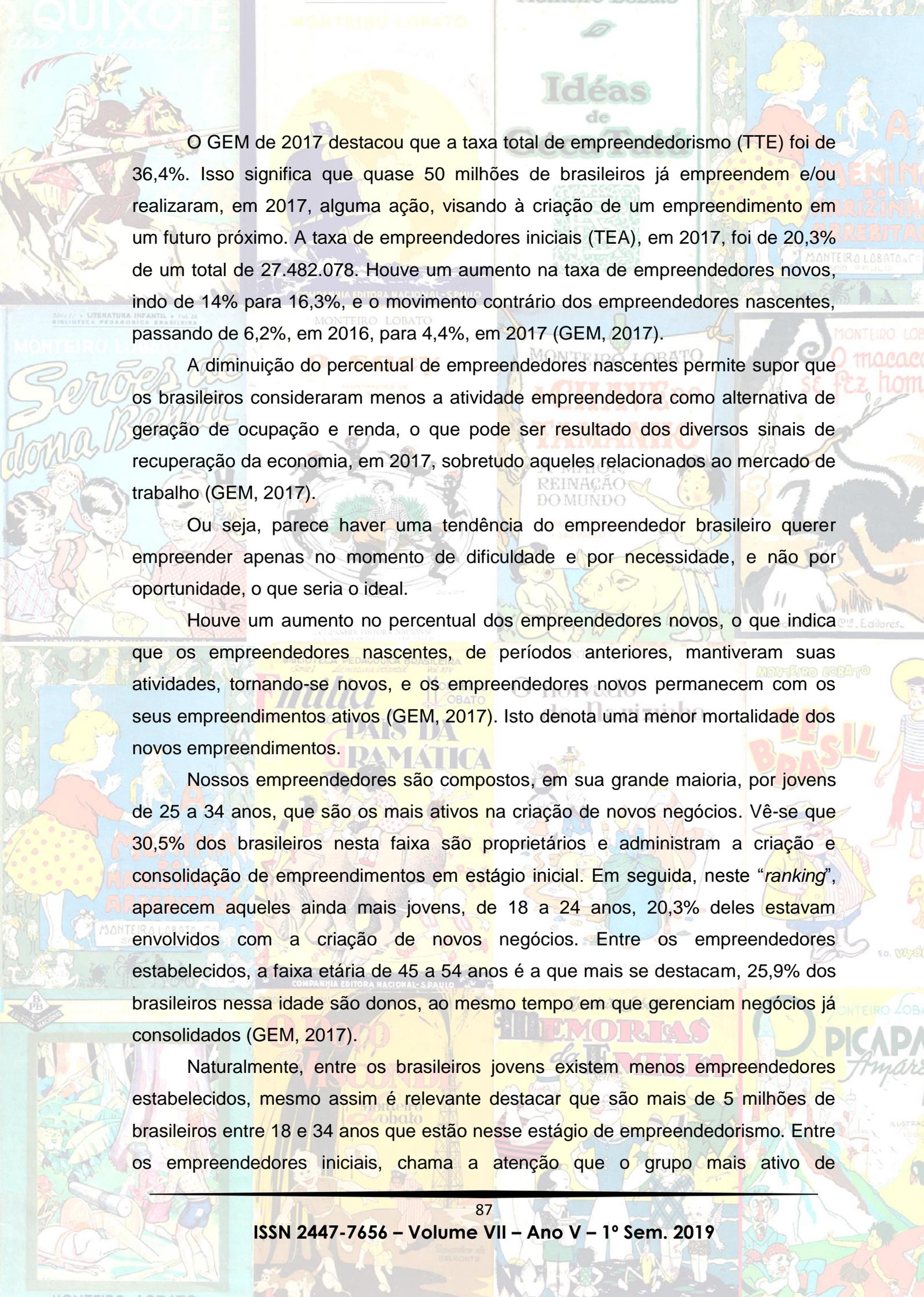
Souza (2012) cita que o grupo Pitágoras implantou, no ensino fundamental, uma disciplina chamada “Ética e Empreendedorismo”, e o Colégio Anglo-Americano, integrante do grupo educacional Anglo-Americano, tem como lema a expressão “Formando empreendedores”, e desenvolve nas escolas de sua rede um projeto institucional que “visa a desenvolver as competências e as habilidades do cidadão empreendedor no aluno”.

Fernando Celso Dolabela é criador e coordenador de um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo do Brasil: a “Pedagogia Empreendedora”, que contou com o apoio da ONG Visão Mundial, financiadora do projeto e de uma equipe composta por cerca de 20 profissionais da educação (SELA, SELA, FRANZINI, 2006).

Dolabela criou o jogo do empreendedor, conhecido como “Dupla Empreendedora”, para estimular o empreendedorismo entre crianças.

Muitos foram os movimentos, como palestras de sensibilização para as lideranças locais, no caso de cidades; seminários de Transferência de Metodologia, para professores da educação básica, com o intuito de transferir a metodologia para os professores, orientadores, supervisores, diretores; e, seminários de formação de multiplicadores e gestores, tudo com o intuito de formar futuros empreendedores.

Há, também, o caso das organizações não governamentais (ONGs), como a Junior Activiement (JA). Esta, uma associação educativa sem fins lucrativos, mantida



O GEM de 2017 destacou que a taxa total de empreendedorismo (TTE) foi de 36,4%. Isso significa que quase 50 milhões de brasileiros já empreendem e/ou realizaram, em 2017, alguma ação, visando à criação de um empreendimento em um futuro próximo. A taxa de empreendedores iniciais (TEA), em 2017, foi de 20,3% de um total de 27.482.078. Houve um aumento na taxa de empreendedores novos, indo de 14% para 16,3%, e o movimento contrário dos empreendedores nascentes, passando de 6,2%, em 2016, para 4,4%, em 2017 (GEM, 2017).

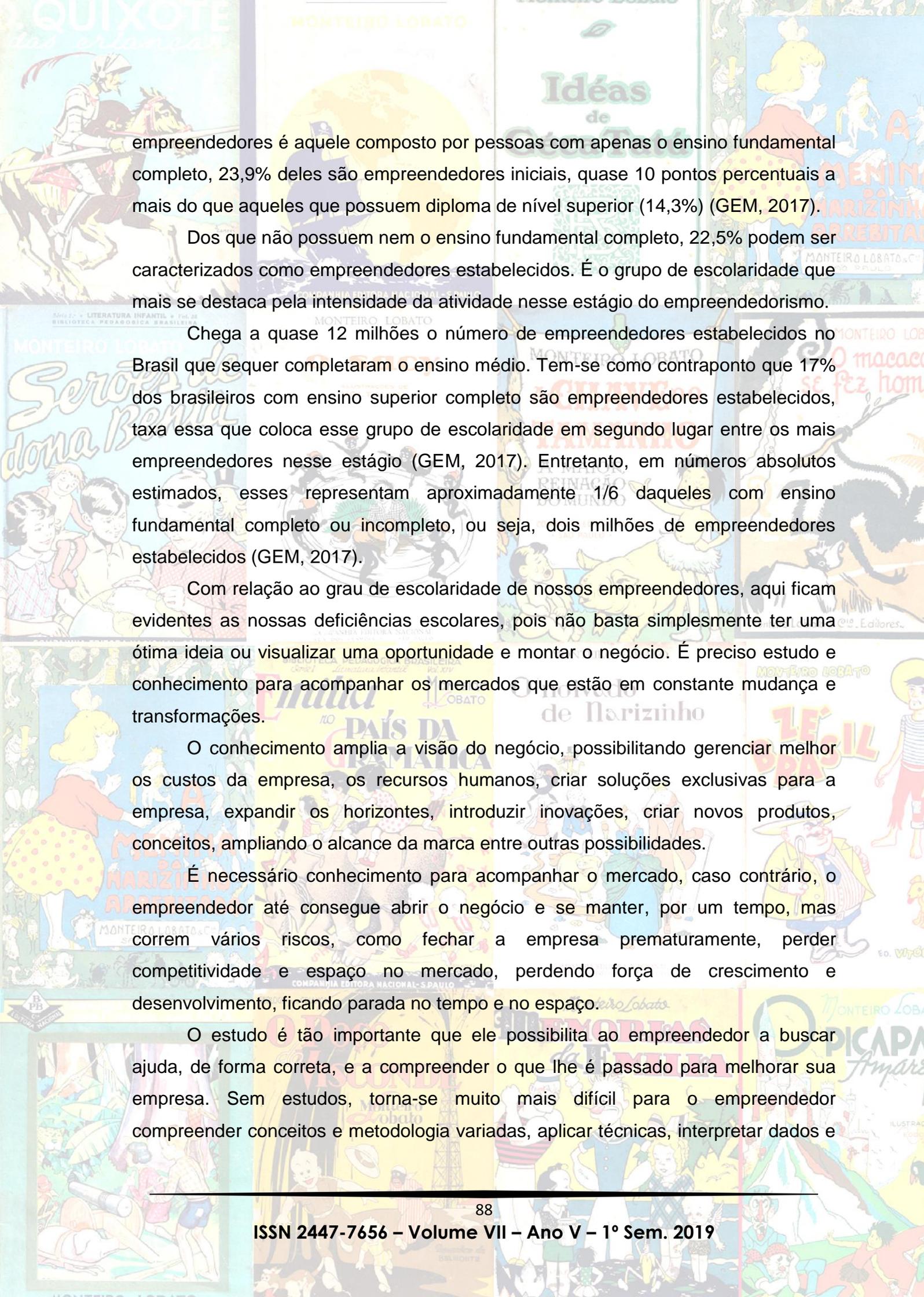
A diminuição do percentual de empreendedores nascentes permite supor que os brasileiros consideraram menos a atividade empreendedora como alternativa de geração de ocupação e renda, o que pode ser resultado dos diversos sinais de recuperação da economia, em 2017, sobretudo aqueles relacionados ao mercado de trabalho (GEM, 2017).

Ou seja, parece haver uma tendência do empreendedor brasileiro querer empreender apenas no momento de dificuldade e por necessidade, e não por oportunidade, o que seria o ideal.

Houve um aumento no percentual dos empreendedores novos, o que indica que os empreendedores nascentes, de períodos anteriores, mantiveram suas atividades, tornando-se novos, e os empreendedores novos permanecem com os seus empreendimentos ativos (GEM, 2017). Isto denota uma menor mortalidade dos novos empreendimentos.

Nossos empreendedores são compostos, em sua grande maioria, por jovens de 25 a 34 anos, que são os mais ativos na criação de novos negócios. Vê-se que 30,5% dos brasileiros nesta faixa são proprietários e administram a criação e consolidação de empreendimentos em estágio inicial. Em seguida, neste “ranking”, aparecem aqueles ainda mais jovens, de 18 a 24 anos, 20,3% deles estavam envolvidos com a criação de novos negócios. Entre os empreendedores estabelecidos, a faixa etária de 45 a 54 anos é a que mais se destacam, 25,9% dos brasileiros nessa idade são donos, ao mesmo tempo em que gerenciam negócios já consolidados (GEM, 2017).

Naturalmente, entre os brasileiros jovens existem menos empreendedores estabelecidos, mesmo assim é relevante destacar que são mais de 5 milhões de brasileiros entre 18 e 34 anos que estão nesse estágio de empreendedorismo. Entre os empreendedores iniciais, chama a atenção que o grupo mais ativo de



empreendedores é aquele composto por pessoas com apenas o ensino fundamental completo, 23,9% deles são empreendedores iniciais, quase 10 pontos percentuais a mais do que aqueles que possuem diploma de nível superior (14,3%) (GEM, 2017).

Dos que não possuem nem o ensino fundamental completo, 22,5% podem ser caracterizados como empreendedores estabelecidos. É o grupo de escolaridade que mais se destaca pela intensidade da atividade nesse estágio do empreendedorismo.

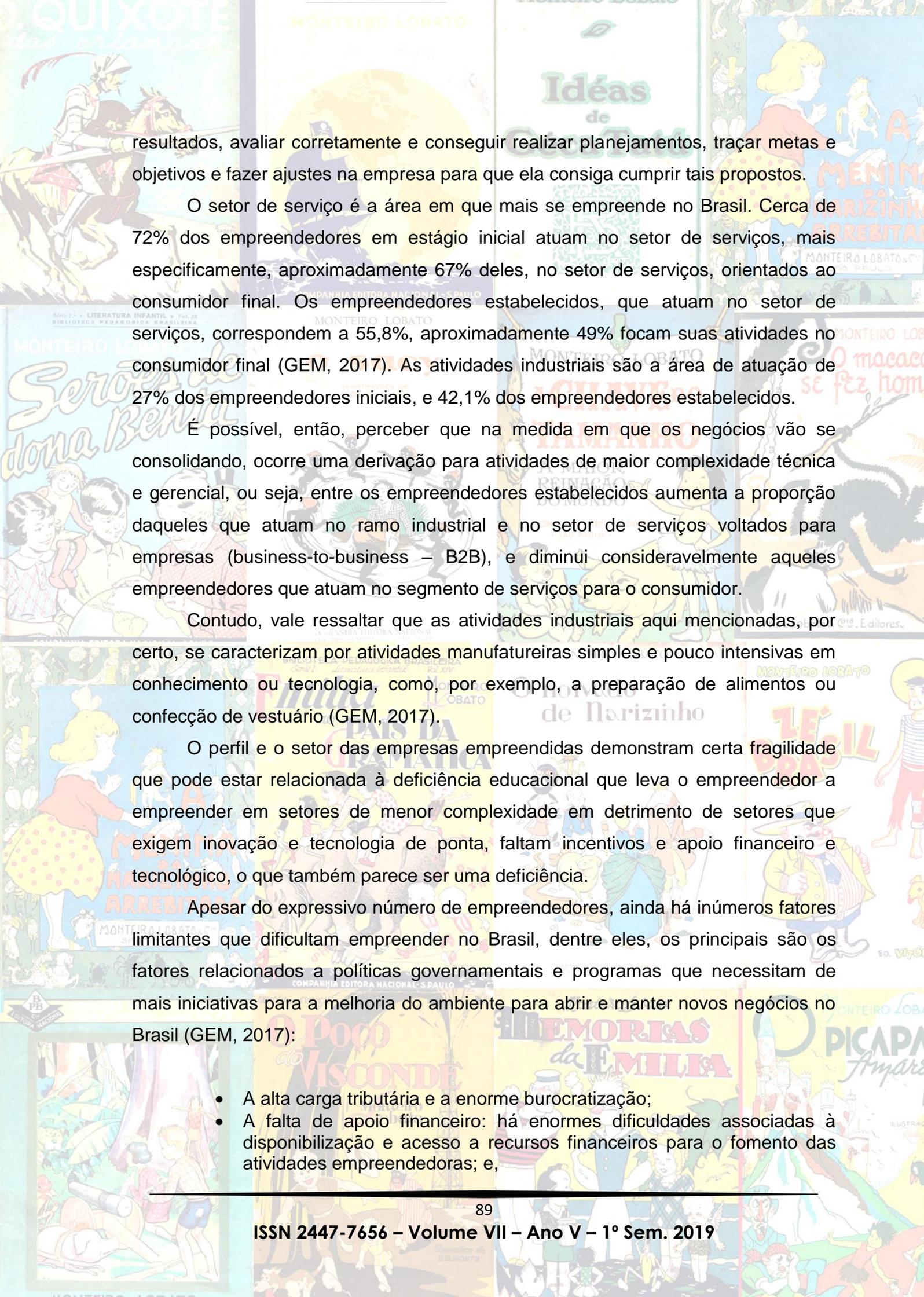
Chega a quase 12 milhões o número de empreendedores estabelecidos no Brasil que sequer completaram o ensino médio. Tem-se como contraponto que 17% dos brasileiros com ensino superior completo são empreendedores estabelecidos, taxa essa que coloca esse grupo de escolaridade em segundo lugar entre os mais empreendedores nesse estágio (GEM, 2017). Entretanto, em números absolutos estimados, esses representam aproximadamente 1/6 daqueles com ensino fundamental completo ou incompleto, ou seja, dois milhões de empreendedores estabelecidos (GEM, 2017).

Com relação ao grau de escolaridade de nossos empreendedores, aqui ficam evidentes as nossas deficiências escolares, pois não basta simplesmente ter uma ótima ideia ou visualizar uma oportunidade e montar o negócio. É preciso estudo e conhecimento para acompanhar os mercados que estão em constante mudança e transformações.

O conhecimento amplia a visão do negócio, possibilitando gerenciar melhor os custos da empresa, os recursos humanos, criar soluções exclusivas para a empresa, expandir os horizontes, introduzir inovações, criar novos produtos, conceitos, ampliando o alcance da marca entre outras possibilidades.

É necessário conhecimento para acompanhar o mercado, caso contrário, o empreendedor até consegue abrir o negócio e se manter, por um tempo, mas correm vários riscos, como fechar a empresa prematuramente, perder competitividade e espaço no mercado, perdendo força de crescimento e desenvolvimento, ficando parada no tempo e no espaço.

O estudo é tão importante que ele possibilita ao empreendedor a buscar ajuda, de forma correta, e a compreender o que lhe é passado para melhorar sua empresa. Sem estudos, torna-se muito mais difícil para o empreendedor compreender conceitos e metodologia variadas, aplicar técnicas, interpretar dados e



resultados, avaliar corretamente e conseguir realizar planejamentos, traçar metas e objetivos e fazer ajustes na empresa para que ela consiga cumprir tais propostos.

O setor de serviço é a área em que mais se empreende no Brasil. Cerca de 72% dos empreendedores em estágio inicial atuam no setor de serviços, mais especificamente, aproximadamente 67% deles, no setor de serviços, orientados ao consumidor final. Os empreendedores estabelecidos, que atuam no setor de serviços, correspondem a 55,8%, aproximadamente 49% focam suas atividades no consumidor final (GEM, 2017). As atividades industriais são a área de atuação de 27% dos empreendedores iniciais, e 42,1% dos empreendedores estabelecidos.

É possível, então, perceber que na medida em que os negócios vão se consolidando, ocorre uma derivação para atividades de maior complexidade técnica e gerencial, ou seja, entre os empreendedores estabelecidos aumenta a proporção daqueles que atuam no ramo industrial e no setor de serviços voltados para empresas (business-to-business – B2B), e diminui consideravelmente aqueles empreendedores que atuam no segmento de serviços para o consumidor.

Contudo, vale ressaltar que as atividades industriais aqui mencionadas, por certo, se caracterizam por atividades manufatureiras simples e pouco intensivas em conhecimento ou tecnologia, como, por exemplo, a preparação de alimentos ou confecção de vestuário (GEM, 2017).

O perfil e o setor das empresas empreendidas demonstram certa fragilidade que pode estar relacionada à deficiência educacional que leva o empreendedor a empreender em setores de menor complexidade em detrimento de setores que exigem inovação e tecnologia de ponta, faltam incentivos e apoio financeiro e tecnológico, o que também parece ser uma deficiência.

Apesar do expressivo número de empreendedores, ainda há inúmeros fatores limitantes que dificultam empreender no Brasil, dentre eles, os principais são os fatores relacionados a políticas governamentais e programas que necessitam de mais iniciativas para a melhoria do ambiente para abrir e manter novos negócios no Brasil (GEM, 2017):

- A alta carga tributária e a enorme burocratização;
- A falta de apoio financeiro: há enormes dificuldades associadas à disponibilização e acesso a recursos financeiros para o fomento das atividades empreendedoras; e,

- O contexto político e clima econômico, como a crise política, que se asseverou em 2016 e 2017, que minaram a confiança e os ânimos do empreendedor do brasileiro (GEM, 2017).

Porém, temos pontos positivos para empreender no Brasil, e os principais são (GEM, 2017):

- A capacidade da população brasileira, de realização e superação de desafios, talvez isto se deva à diversidade étnica e cultural, que é motivo de inspiração e esperança para quem decide realizar uma atividade empreendedora; e,
- O Brasil é reconhecido como sendo um território que impõe poucas barreiras para a abertura de novos negócios e consequentemente o acesso aos mercados consumidores se torna favorecido (GEM, 2017).

Diante do cenário do empreendedorismo no país, o GEM (2017) fez recomendações para que se melhore o ambiente de empreendedorismo no país, os principais pontos são: Políticas governamentais e programas voltados para o empreendedorismo, educação e capacitação para o empreendedor e apoio financeiro.

No plano das políticas governamentais e programas, destacam-se (GEM, 2017):

- Reforma do Sistema Tributário Nacional, buscando fundamentalmente sua simplificação e benefícios para as empresas novas, que teriam uma carência no pagamento de tributos por um determinado período de tempo, ou até que comecem a gerar lucros efetivos. Inclusive desoneração da folha de pagamentos para empreendedores nascentes;
- Desburocratização efetiva. Simplificação dos processos burocráticos e desoneração para quem quer produzir. Startups poderiam se formalizar, tal como MEI (Microempreendedor Individual) e acessar com mais facilidade o mercado e demais programas para apoio a esse tipo de empreendimento;
- Política de desenvolvimento para os pequenos negócios. A Lei Geral da Micro e Pequena Empresa em vigor deve ser consolidada em planos de governo com foco no desenvolvimento e relacionada a um novo ambiente de atuação das empresas no âmbito da tributação, trabalhista e do licenciamento. É preciso desonerar e simplificar a vida dos empreendedores para que eles possam crescer e empregar mais;

- Acompanhamento dos efeitos da reforma trabalhista no contexto de criação de novos empreendimentos;
- Políticas públicas para o empreendedorismo devem ser estimuladas e desenvolvidas em periferias; e,
- Promover intercâmbio e programas para receber empreendedores interessados em se instalar no Brasil (GEM, 2017).

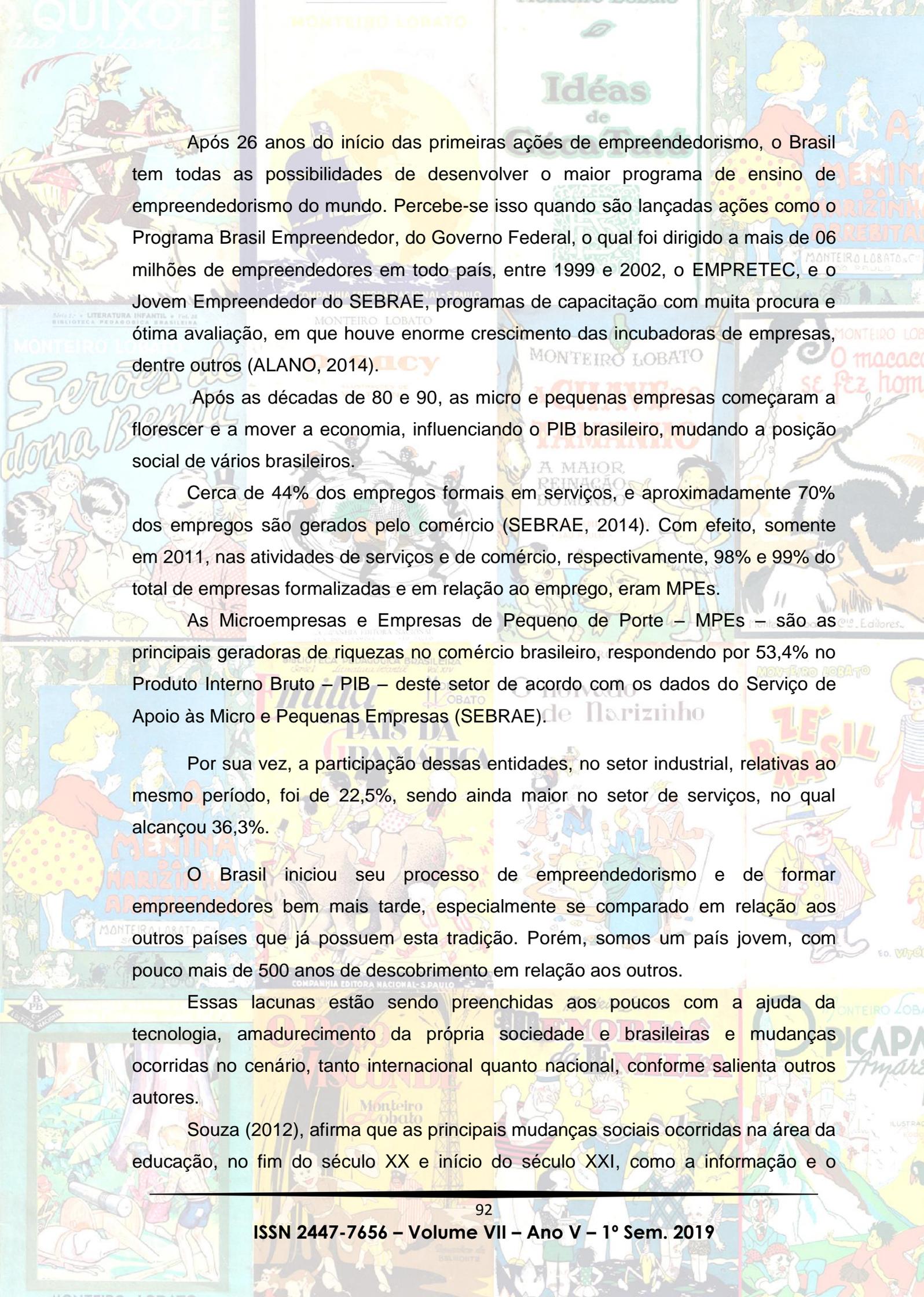
No âmbito da educação e capacitação, recomenda-se (GEM, 2017):

- Investimento em capacitação e mentorias, ou seja, programas governamentais que financiem ativos de conhecimento, e não somente estruturas;
- Apoiar as instituições que já fomentam o empreendedorismo (SEBRAE, ENDEAVOR, SENAC etc.), integrando-as a um projeto estruturado;
- Incentivo ao empreendedorismo nas mídias de massa: compartilhamento de experiências e de casos sucesso e insucesso por meio de programas televisões, propagandas, entre outros;
- A aproximação da atividade empreendedora praticada intuitivamente com ambientes escolares, com a universidade, como a academia. Isso é fundamental para a qualificação do empreendedorismo no Brasil. O mesmo vale para a aproximação entre pesquisa e boas tecnologias com quem se interessa em abrir um novo negócio; e,
- A inserção da educação empreendedora desde a escola fundamental. Quanto mais cedo o espírito empreendedor for disseminado, maior será a chance de se ter jovens empreendedores no futuro, com uma boa base desconhecimento sobre plano de negócios, estudo de mercado, fatores econômicos que afetam o negócio, dentre outros aspectos essenciais para se ter êxito (GEM, 2017).

E, por fim, com relação ao apoio financeiro, recomenda-se (GEM, 2017):

- Oferecer novas fontes de financiamento que sejam adequadas para novas e pequenas empresas; e,
- Melhorar substancialmente as condições de financiamento para o empreendedor ter mais segurança na manutenção e expansão de seus negócios (GEM, 2017).

Segundo Costa *et al* (2015), o Brasil possui um nível relativamente alto de atividade empreendedora, cerca de 13,5 em cada 100 adultos da população economicamente ativa são empreendedores, colocando os país em sétimo lugar do mundo.



Após 26 anos do início das primeiras ações de empreendedorismo, o Brasil tem todas as possibilidades de desenvolver o maior programa de ensino de empreendedorismo do mundo. Percebe-se isso quando são lançadas ações como o Programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, o qual foi dirigido a mais de 06 milhões de empreendedores em todo país, entre 1999 e 2002, o EMPRETEC, e o Jovem Empreendedor do SEBRAE, programas de capacitação com muita procura e ótima avaliação, em que houve enorme crescimento das incubadoras de empresas, dentre outros (ALANO, 2014).

Após as décadas de 80 e 90, as micro e pequenas empresas começaram a florescer e a mover a economia, influenciando o PIB brasileiro, mudando a posição social de vários brasileiros.

Cerca de 44% dos empregos formais em serviços, e aproximadamente 70% dos empregos são gerados pelo comércio (SEBRAE, 2014). Com efeito, somente em 2011, nas atividades de serviços e de comércio, respectivamente, 98% e 99% do total de empresas formalizadas e em relação ao emprego, eram MPEs.

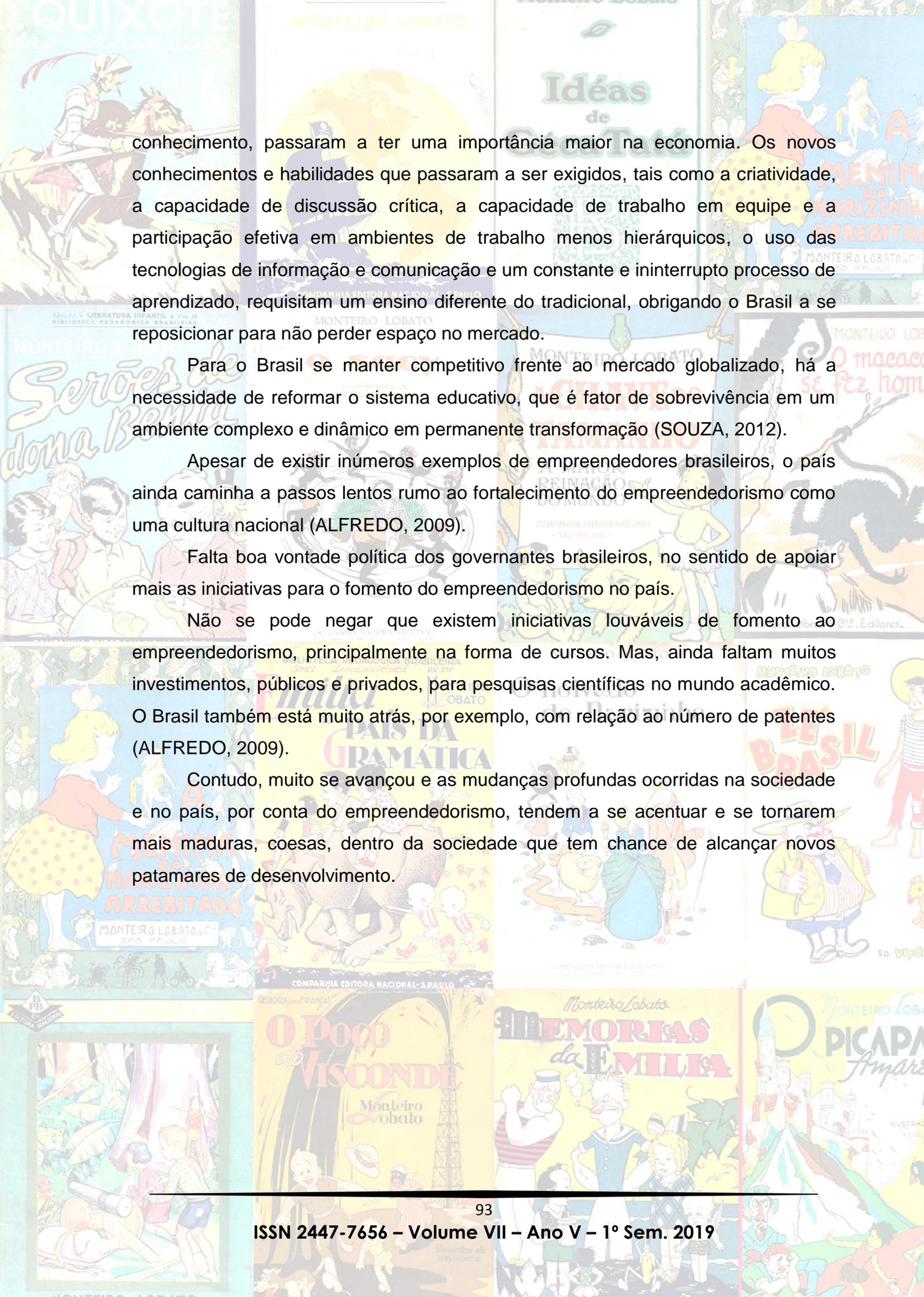
As Microempresas e Empresas de Pequeno Porte – MPEs – são as principais geradoras de riquezas no comércio brasileiro, respondendo por 53,4% no Produto Interno Bruto – PIB – deste setor de acordo com os dados do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Por sua vez, a participação dessas entidades, no setor industrial, relativas ao mesmo período, foi de 22,5%, sendo ainda maior no setor de serviços, no qual alcançou 36,3%.

O Brasil iniciou seu processo de empreendedorismo e de formar empreendedores bem mais tarde, especialmente se comparado em relação aos outros países que já possuem esta tradição. Porém, somos um país jovem, com pouco mais de 500 anos de descobrimento em relação aos outros.

Essas lacunas estão sendo preenchidas aos poucos com a ajuda da tecnologia, amadurecimento da própria sociedade e brasileiras e mudanças ocorridas no cenário, tanto internacional quanto nacional, conforme salienta outros autores.

Souza (2012), afirma que as principais mudanças sociais ocorridas na área da educação, no fim do século XX e início do século XXI, como a informação e o



conhecimento, passaram a ter uma importância maior na economia. Os novos conhecimentos e habilidades que passaram a ser exigidos, tais como a criatividade, a capacidade de discussão crítica, a capacidade de trabalho em equipe e a participação efetiva em ambientes de trabalho menos hierárquicos, o uso das tecnologias de informação e comunicação e um constante e ininterrupto processo de aprendizado, requisitam um ensino diferente do tradicional, obrigando o Brasil a se reposicionar para não perder espaço no mercado.

Para o Brasil se manter competitivo frente ao mercado globalizado, há a necessidade de reformar o sistema educativo, que é fator de sobrevivência em um ambiente complexo e dinâmico em permanente transformação (SOUZA, 2012).

Apesar de existir inúmeros exemplos de empreendedores brasileiros, o país ainda caminha a passos lentos rumo ao fortalecimento do empreendedorismo como uma cultura nacional (ALFREDO, 2009).

Falta boa vontade política dos governantes brasileiros, no sentido de apoiar mais as iniciativas para o fomento do empreendedorismo no país.

Não se pode negar que existem iniciativas louváveis de fomento ao empreendedorismo, principalmente na forma de cursos. Mas, ainda faltam muitos investimentos, públicos e privados, para pesquisas científicas no mundo acadêmico. O Brasil também está muito atrás, por exemplo, com relação ao número de patentes (ALFREDO, 2009).

Contudo, muito se avançou e as mudanças profundas ocorridas na sociedade e no país, por conta do empreendedorismo, tendem a se acentuar e se tornarem mais maduras, coesas, dentro da sociedade que tem chance de alcançar novos patamares de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve outros fatores que culminaram como uma maior abertura econômica e a redemocratização do país, a globalização e a disseminação da informação e do conhecimento. Mesmo assim, necessitamos avançar muito. Ainda é imprescindível que se propague o empreendedorismo nas escolas públicas, e que a educação empreendedora seja uma disciplina oficial, obrigatória desde a mais tenra idade, ainda na pré-escola. Que se melhore o sistema de ensino, que se prepare, remunere e invista no professor e resgate sua dignidade profissional.

O ensino, divulgação e propagação do empreendedorismo provocou uma revolução sem volta em nossa sociedade possibilitou a aberturas de inúmeros negócios, a geração de renda, aumento do PIB, maior circulação de dinheiro na economia, geração de mais postos de trabalho, a mudança de comportamento, atitudes e maior dinamismo de vários seguimentos da sociedade, uma maior mobilidade de várias camadas da população, que passaram a ter uma alternativa frente ao desemprego e ao emprego com carteira assinada.

É como se nossa sociedade passasse a acreditar em si mesma, na sua capacidade, e tivesse maior confiança, a ponto de ousar, atitude que até 1980 não era visto no país de forma tão expressiva.

Vimos que houve outros fatores que culminaram com uma maior abertura econômica e a redemocratização do país, a globalização e a disseminação da informação e do conhecimento.

Infelizmente, nossa educação pública ainda está voltada e orientada para formar mão de obra barata, indivíduos que buscam apenas uma carteira assinada no mercado de trabalho e se satisfazem com um salário mínimo, o vestibular ou concursos públicos em algum órgão de Estado.

Enquanto isto ocorrer, não ascenderemos ao primeiro mundo no quesito empreendedorismo.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Luiz Henrique Pereira. *Empreendedorismo origem e desafios para o Brasil do século XXI*. 2009. Disponível em: <

<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/empreendedorismo-origem-e-desafios-para-o-brasil-do-seculo-xxi/33075/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

ALANO, Juliana *et al.* *Evolução do Empreendedorismo no Brasil: Um Estudo do Global Entrepreneurship Monitor no Período de 2001 a 2013*. In: XIV Mostra de Iniciação Científica, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão. 2014.

ÂNGELO, Eduardo Bom. Empreendedorismo: a revolução do novo Brasil. *Revista de Economia & Relações Internacionais*, v. 1, n. 2, p. 37-48, 2003.

FATTURI, Karyne Carlos. *Análise histórica do empreendedorismo: Estudo das principais características que definem um empreendedor de sucesso*. 56 fls. 2013. Monografia (Bacharel em Engenharia da Produção) – Centro Universitário Estadual da Zona Oeste- UEZO, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

BASÍLIO, P. *Pequenos empresários: redes pública e particular ensinam empreendedorismo em sala de aula*. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 1-4. Caderno Classificados/Empregos, 27 mai. 2012.

CRUZ, Carlos Fernandes *et al.* *Os motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações: um estudo de caso: Pramp's lanchonete*. 126 fls. 2005. Dissertação (Mestre em Engenharia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2005.

DOLABELA, Fernando Celso. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DOLABELA, Fernando Celso. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores, 1999.

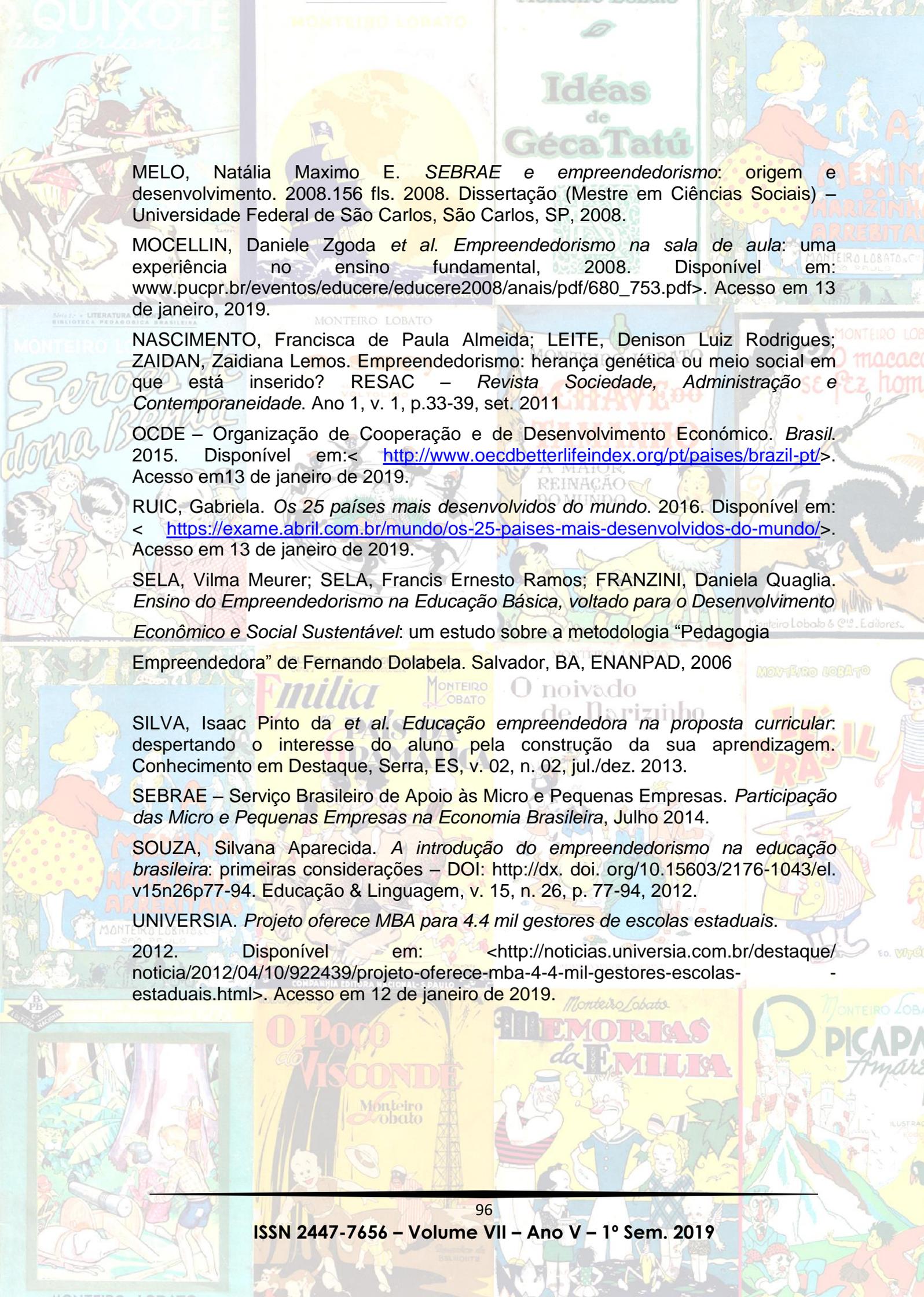
DOLABELA, Fernando Celso. *Empreendedorismo no Brasil: uma metodologia revolucionária*, 2005. Disponível em: http://www.projeto.org.br/tv/prog10/html/ar_10_01.html. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil Relatório Executivo*, 2017.

JUNIOR ACHIEVEMENT-BRASIL. *A Junior Achievement*. Institucional. Porto Alegre, 2012. Disponível em: < <http://www.jabrazil.org.br/jabr/junior-achievement/institucional>>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

LIBERATO, Antonio Carlos Teixeira. *Empreendedorismo na escola pública: despertando competências, promovendo a esperança!*, 2007. Disponível em: http://www.oei.es/etp/empreendedorismo_escola_publica_teixeira.pdf. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

MACHADO COSTA, Débora Fernanda *et al.* EMPREENDEDORISMO NO BRASIL. *Revista Expressão*, n. 07, p. 20 páginas, 2015.



MELO, Natália Maximo E. *SEBRAE e empreendedorismo: origem e desenvolvimento*. 2008.156 fls. 2008. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2008.

MOCELLIN, Daniele Zgoda *et al. Empreendedorismo na sala de aula: uma experiência no ensino fundamental*, 2008. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/680_753.pdf. Acesso em 13 de janeiro, 2019.

NASCIMENTO, Francisca de Paula Almeida; LEITE, Denison Luiz Rodrigues; Z AidAN, Zaidiana Lemos. Empreendedorismo: herança genética ou meio social em que está inserido? *RESAC – Revista Sociedade, Administração e Contemporaneidade*. Ano 1, v. 1, p.33-39, set. 2011

OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico. *Brasil*. 2015. Disponível em: < <http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/brazil-pt/>>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

RUIC, Gabriela. *Os 25 países mais desenvolvidos do mundo*. 2016. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/mundo/os-25-paises-mais-desenvolvidos-do-mundo/>>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

SELA, Vilma Meurer; SELA, Francis Ernesto Ramos; FRANZINI, Daniela Quaglia. *Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o Desenvolvimento Econômico e Social Sustentável: um estudo sobre a metodologia “Pedagogia Empreendedora” de Fernando Dolabela*. Salvador, BA, ENANPAD, 2006

SILVA, Isaac Pinto da *et al. Educação empreendedora na proposta curricular: despertando o interesse do aluno pela construção da sua aprendizagem*. *Conhecimento em Destaque*, Serra, ES, v. 02, n. 02, jul./dez. 2013.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira*, Julho 2014.

SOUZA, Silvana Aparecida. *A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações* – DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v15n26p77-94>. *Educação & Linguagem*, v. 15, n. 26, p. 77-94, 2012.

UNIVERSIA. *Projeto oferece MBA para 4.4 mil gestores de escolas estaduais*. 2012. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/04/10/922439/projeto-oferece-mba-4-4-mil-gestores-escolas-estaduais.html>>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.